



**Título**  
HABITAR A CENA

**Autor**  
Carlos Nuno Lacerda Lopes

**Edição**  
DraftBooks® | Porto  
Rua da Bandeirinha, n.º 92-6

**Design Gráfico**  
DraftBooks® | Porto

**Impressão**  
Orgal

**ISBN**  
978-989-8573-04-9

**Depósito Legal**  
378630/14

COPYRIGHT © 2014, Carlos Nuno Lacerda Lopes  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

TEA-  
TRO SÍMBOLO  
ANALOGIA  
CORPO ESPA-  
ÇO PERCEÇÃO  
EMPATIA CE-  
NA EXPERIÊN-  
CIA CONCEITO  
ORIENTAÇÃO  
MOVIMENTO  
ARQUITETURA  
TEATRO EMO-  
ÇÃO REPRE-  
SENTAÇÃO RE-  
TRATO MINETTI  
ACTUALIDADE  
ESCOLA IMA-  
GEM EXPRES-  
SÃO SENTIDOS  
EFICÁCIA HAR-  
MONIA ESTÉTI-  
CA RITMO ATOR  
HISTÓRIA FILO-  
SOFIA RAZÃO  
FORMA GEO-  
METRIA TEA-  
TRO SÍMBO-  
LO ANALOGIA  
CORPO ESPA-  
ÇO PERCE-  
ÇÃO EMPA-  
TIA CENA  
EXPE-  
RIÊNCIA  
CONCEITO  
ORIENTA-  
ÇÃO MOVI-  
MENTO AR-  
QUITETURA  
TEATRO EMO-  
ÇÃO REPRE-  
SENTAÇÃO RE-  
TRATO MINETTI  
ACTUALIDADE  
ESCOLA IMA-  
GEM EXPRES-  
SÃO SENTIDOS  
EFICÁCIA HAR-  
MONIA ESTÉTI-  
CA RITMO ATOR  
HISTÓRIA FILO-  
SOFIA RAZÃO  
FORMA GEO-  
METRIA TEA-  
TRO SÍMBO-  
LO ANALOGIA  
CORPO ES-  
PAÇO PER-  
CEÇÃO EM-  
PÁTIA CENA  
EXPERIÊNCIA  
CONCEITO  
ORIENTAÇÃO  
MOVIMENTO

# HABITAR A CENA

CARLOS NUNO LACERDA LOPES

**DRAFT**  
BOOKS



Ah, tudo é símbolo e analogia!

*Ah, tudo é símbolo e analogia!  
O vento que passa, a noite que esfria  
São outra coisa que a noite e o vento -  
Sombras de vida e de pensamento.*

*Tudo o que vemos é outra coisa.  
A maré vasta, a maré ansiosa,  
É o eco de outra maré que está  
Onde é real o mundo que há.*

*Tudo o que temos é esquecimento,  
A noite fria, o passar do vento  
São sombras de mãos cujos gestos são  
A realidade desta ilusão.*

*Fernando Pessoa*



## SUMÁRIO

<b>Dedicatória</b>	<b>15</b>
<b>Introdução</b>	<b>21</b>
<b>O Corpo no espaço</b>	<b>31</b>
1.1   O Fenómeno da percepção	37
1.2   Alguns modelos de percepção	44
1.3   O Espaço Experimentado   Concetualizado	50
<b>O corpo como criador de espaço</b>	<b>59</b>
2.1   Fases de desenvolvimento	61
2.2   A imagem corporal	66
2.3   O corpo referencial	71
2.4   A orientação	74
<b>O movimento</b>	<b>83</b>
3.1   Um Exemplo	90
<b>Teatro e Representação</b>	<b>95</b>
4.1   Teatralidade	97
4.2   Emoção	102
4.3   Representação	114
<b>Minetti: Retrato de uma experiência</b>	<b>121</b>
<b>Da atualidade</b>	<b>139</b>
6.1   A imagem	141
6.2   O pensamento visivo	147
6.3   A escola	163
<b>Bibliografia</b>	<b>173</b>







[Habitar a cena]

10



## **Prefácio**

Uma longa espera...

*“A impressão que fica é que tudo sucede inteiramente  
num presente que é feito de uma longa espera”*

11

*(J. Gracq, 1947)*

Corpo, Espaço e Representação, é o título original deste trabalho que agora se apresenta sob a forma de livro, e procura abordar uma problemática intrínseca à Arquitetura: a relação entre o espaço arquitetónico e os diversos aspetos de criação de imagem corporal do homem na sua interligação com o espaço organizado. Dessa relação, dessa experiência que o espaço nos oferece, pela sua diversificada e dinâmica utilização, percebemos quanto de simbólico e de representação ou de “lugar teatral” a arquitetura pode oferecer.

Muitas destas ideias e muitos destes argumentos, que aqui se exploram, resultam de um trabalho especificamente orientado para a compreensão do fenómeno da experiência do espaço, sua perceção, com vista à construção de uma ideia de arquitetura que anos atrás procuramos estabelecer.

De algum modo podemos verificar a presença constante de uma preocupação, que sempre nos acompanhou na atividade como Arquitecto: No fundo, ao tentar perceber alguns dos aspetos caracterizadores e diferenciadores do espaço no permanente confronto entre utilização, perceção e representação, pretendemos colocar uma questão, ainda pertinente, de procurar saber se a Arquitetura que se desenha/deseja é para ser vista ou para ser vivida, usufruída ou, se pretendemos, habitada?

Nestas últimas décadas, o espaço arquitetônico tem vindo a assumir uma verdadeira expressão cenográfica e, por outro lado, o espaço de representação tem vindo a descrever um ideal cada vez mais arquitetônico. Talvez por isso a pertinência desta edição que, ao recuperar um tema aparentemente já conhecido, em espera, recentra-o com novas visões que o tempo oferece, confrontando agora a problemática da construção do espaço cenográfico com os fundamentos ou divergentes princípios do espaço arquitetônico. Talvez por isso se assista a um ressurgimento da importância destas matérias merecendo cada vez mais um maior aprofundamento, estudo e interesse em muitos dos novos alunos nas novas e velhas escolas de arquitetura.

A produção arquitetónica que assistimos na atualidade (ou falta dela) revela de um modo muito preciso, não só um ideal de evolução precário, próximo das artes da representação, mas sobretudo o fenómeno de constante mutação em que a arquitetura se transformou ao longo deste último quartel do último século.

Nesta longa espera que este texto protagoniza, podemos testemunhar, verificar e registar a importância crescente da imagem ou sobreposição do visual no processo de criação arquitetónica, mas também podemos verificar a um outro nível, a inversão do processo de pensamento arquitetónico e sua contaminação em muitas e “novas” áreas disciplinares, nas novas *quási arquiteturas*.

São outros tempos, estes que agora vivemos, já no século XXI, mas ainda invadidos com processos e práticas que pensávamos terem ficado nos séculos anteriores. Mas, há tanto de novo como de velho neste século que nos traz por um lado a globalidade e por outro a individualidade, a maior fortuna e a vil tragédia, um ideal de estabilidade e uma incerteza constante, uma segura instabilidade e, nessa medida, o sen-

tido de algumas das ideias que aqui se exploram, justificando e defendendo a necessidade de compreensão do presente que é afinal o espaço temporal que toda a arquitetura se produz.

Dizia Mies van der Rohe que *“A arquitetura é a vontade de uma época traduzida em espaço. Nem o passado, nem o futuro, só o presente se pode fixar. Só assim a arquitetura se pode realizar.”*

13

Na procura incessante e permanente de fixar o dia de hoje não parece fazer sentido recuperar um texto que se defendeu há mais de duas décadas, fixando um tempo. Este é um risco que aceitamos correr. Talvez porque acreditamos que o tempo não seja linear como disse Lina Bo Bardi é um *“maravilhoso emaranhado onde a qualquer instante podem ser escolhidos pontos e inventadas soluções, sem começo nem fim.”*

Este livro quer-se apresentar como um desses pontos neste emaranhado maravilhoso, que é também o pensar sobre a arquitetura, sobre a vida, sobre a representação e sobretudo sobre a experiência que todos os dias fazemos, agora talvez mais preocupados com outras realidades, com outras identidades, na procura de outros lugares e, por isso, de outras representações.

E, neste processo, também o corpo tem vindo a ceder à dinâmica do provisório, numa clara oposição ao ideal da perenidade que, outrora, a arquitetura e o homem pareciam querer alcançar e construir.

*“Habitar a Cena”* procura traduzir, simplificando, um certo ideal de arquitetura e a tão humana necessidade de habitar o espaço e de representar no espaço, permanentemente. No teatro ou no palco, e sobretudo nos novos palcos que construímos, na cidade ou na casa que habitamos, a representação é a expressão de uma nova identidade e, talvez por isso, hoje cada vez mais, construímos as cenas para um quotidiano que, ao que parece, continua a ser feito de uma longa espera.

Porto, 2014



